

## O INSTINTO DE NACIONALIDADE E A SENSIBILIDADE UNIVERSAL: IDENTIDADE NACIONAL EM MACHADO DE ASSIS E DOSTOIÉVSKI

Andrea Zeppini Menezes da SILVA<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo apresenta algumas reflexões sobre as concepções de nacionalidade em Machado de Assis e Dostoiévski, em dois textos: *Literatura Brasileira: Instinto de Nacionalidade*, um ensaio de crítica literária escrito por Machado de Assis e publicado em 1873; e *Discurso a Púchkin*, proferido por Dostoiévski na Celebração a Púchkin, em 1880.

**Palavras-chave:** Dostoiévski, Machado de Assis, nacionalidade

**ABSTRACT:** This article presents some reflections about the conceptions of nationality in Machado de Assis and Dostoiévski, in two texts: *Literatura Brasileira: Instinto de Nacionalidade*, an essay of literary criticism, written by Machado de Assis and published in 1873; and *Pushkin Speech*, pronounced by Dostoevsky in Pushkin Celebration, in 1880.

**Key-words:** Dostoevsky, Machado de Assis, nationality

### 1. Introdução

O presente artigo pretende mostrar alguns aspectos das concepções de nacionalidade encontradas em dois textos desses autores tão diferentes: Machado de Assis e Dostoiévski. O ensaio *Literatura Brasileira: Instinto de Nacionalidade*, escrito por Machado de Assis para uma revista americana, publicado no número de março de 1873, é um ensaio de crítica literária onde o autor faz um apanhado geral de tudo o que acontecia em literatura naquele momento no Brasil. Dirigido a um público americano, não teve muita repercussão na época.

O *Discurso a Púchkin* foi escrito para ser proferido na “Celebração a Púchkin”, evento ocorrido em junho de 1880, para inaugurar o monumento em homenagem ao poeta. Peça de retórica, escrito para convencer, emocionar e empolgar, esse discurso causou enorme alvoroço, levando ao ápice o clima de expectativa que cercou a celebração.

Esses textos, portanto, foram escritos com propósitos muito diferentes, em situações diversas, e ocupam posições quase que opostas no conjunto da obra dos dois escritores: o ensaio de Machado é da chamada “primeira fase” (com todas as aspás possíveis) do autor. Depois de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o romancista vai mudar bastante sua visão de mundo, inclusive no tema que nos interessa aqui, que é a questão da nacionalidade. Se ele via esse tema com certo otimismo (ainda que criticasse bastante), como podemos ver em *Instinto*

---

<sup>1</sup> Mestranda em Literatura e Cultura Russa, do Departamento de Letras Orientais, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, bolsista Capes.

*de Nacionalidade*, depois vai se dedicar à demolição de certo jeito brasileiro de ser, cujo exemplo mais contundente é Brás Cubas.

O *Discurso a Púchkin* é um texto do final da vida de Dostoiévski (ele morreria no ano seguinte), onde o autor sintetiza suas concepções sobre a Rússia, suas relações com a Europa, o que é ser russo, qual é o cerne do problema russo e como resolvê-lo. Se Machado passou por uma reviravolta depois de 1880, Dostoiévski apenas reafirma sua idéia sobre o papel da Rússia entre as nações, presente em vários momentos ao longo de sua obra.

Justifico a comparação entre esses dois textos porque tentam dar conta, cada um a seu modo, da mesma questão: identidade nacional, passando pela literatura como instrumento de reflexão e construção ideológica. O Brasil, como ex-colônia, tinha uma história bem curta como país “independente” e buscou afirmar sua singularidade em relação a Portugal durante todo o século XIX. A literatura e o romantismo tiveram papel crucial nessa tarefa. E a Rússia, outro país da periferia, também precisava buscar sua identidade e sua singularidade, perdida que estava entre oriente e ocidente. O modelo russo era a Europa (assim como para o Brasil): portanto, entre a assimilação dos valores europeus e o desprezo por eles; entre o atraso e o avanço do capitalismo, atraso que, ele próprio, era a forma de inserção dos dois países periféricos no “progresso” capitalista, onde se colocar? É Roberto Schwarz, em seu conhecido texto “Idéias fora do lugar”, quem nos ajuda a elucidar essa posição diante da Europa, ocupada pelo Brasil e pela Rússia.

O sistema de ambigüidades (...) ligadas ao uso local do ideário burguês \_ uma das chaves do romance russo \_ pode ser comparado àquele que descrevemos para o Brasil. São evidentes as razões sociais da semelhança. Também na Rússia a modernização se perdia na imensidão do território e da inércia social, entrava em choque com a instituição servil e com seus restos \_, choque experimentado como inferioridade e vergonha nacional por muitos, sem prejuízo de dar a outros um critério para medir o desvario do progressismo e do individualismo que o Ocidente impunha e impõe ao mundo. Na exacerbação deste confronto, em que o progresso é uma desgraça e o atraso uma vergonha, está uma das raízes profundas da literatura russa.”(Schwarz, 2000. p. 28)

## 2. Machado de Assis e *O Instinto de Nacionalidade*

O ensaio de Machado, *Instinto de Nacionalidade*<sup>22</sup>, foi um divisor de águas na crítica literária. Seu horizonte ainda é o romantismo, mas já aponta para o realismo que viria depois. A grande questão desse texto é dar à literatura brasileira uma outra concepção de nacionalidade, diferente da que fora dada pelo romantismo, abrindo o campo de

---

<sup>22</sup> Utilizei para este trabalho as Obras Completas de Machado de Assis, vol. 29, editora Jackson, 1944. A partir de agora, indico apenas os números das páginas.

possibilidades dos escritores para um amadurecimento literário. O texto se divide em duas partes; na primeira e mais importante, Machado nos mostra esta outra concepção, o “sentimento íntimo” que substituiria os índices românticos de nacionalidade, configurados como “cor local”. Em seguida, ele apresenta o que está sendo feito no Brasil em todos os âmbitos da literatura: fala então do romance, da poesia, do teatro, e da língua. Neste artigo, abordaremos apenas a primeira parte, que começa assim:

Quem examina a atual literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade. Poesia, romance, todas as formas literárias do pensamento buscam vestir-se com as cores do país, e não há negar que semelhante preocupação é sintoma de vitalidade e abono de futuro. (p.133)

Para Machado, o “instinto de nacionalidade” referido no título é, portanto, uma busca já existente na literatura brasileira, é o buscar vestir-se com as cores do país, movimento totalmente legítimo que, inclusive, conta com uma tradição que vem de José Basílio da Gama e Santa Rita Durão, chegando em Gonçalves Dias, Porto Alegre e Gonçalves de Magalhães e que continuará no futuro. E nada mais normal: “Interrogando a vida brasileira e a natureza americana, prosadores e poetas acharão ali farto manancial de inspiração e irão dando fisionomia própria ao pensamento nacional.” (p. 133).

Mas alerta para o fato de que dar “fisionomia própria ao pensamento nacional” é um pouco mais complicado: “Esta outra Independência não tem Sete de Setembro nem campo de Ipiranga; não se fará num dia, mas pausadamente, para sair mais duradoura; não será obra de uma geração nem duas; muitas trabalharão para ela até perfazê-la de todo.” (p. 134) Portanto, é um movimento de amadurecimento, que se faz aos poucos, depende do tempo.

Machado reconhece o “instinto de nacionalidade”, o considera legítimo, mas fruto do pouco preparo do público: “Sente-se aquele instinto até nas manifestações da opinião, aliás, mal formada ainda, restrita em extremo, pouco solícita, e ainda menos apaixonada nestas questões de poesia e literatura. Há nela um instinto que leva a aplaudir principalmente as obras que trazem os toques nacionais. (...) A juventude literária, sobretudo, fez deste ponto uma questão de legítimo amor próprio.” (p. 134) Essa “opinião mal-formada”, termina por desprezar os poetas que, “respirando aliás os ares da pátria, não souberam desligar-se das faixas da Arcádia nem dos preceitos do tempo”. E continua: “Admira-se-lhes o talento, mas não se lhes perdoa o cajado e a pastora, e nisto há mais erro que acerto.” (p. 134) Machado não defende a qualidade dos poetas árcades, chega a falar de seu “mau gosto”, mas o que não concorda é com o critério de qualidade para apreciação de uma obra de arte:

Não me parece, todavia, justa a censura aos nossos poetas coloniais (...); nem igualmente justa a de não haverem trabalhado para a independência literária, quando a independência política jazia ainda no ventre do futuro, e, mais que tudo, quando entre a metrópole e a colônia criara a história a homogeneidade das tradições, dos costumes e da educação. As mesmas obras de Basílio da Gama e Durão quiseram antes ostentar certa cor local do que tornar independente a literatura brasileira, literatura que não existe ainda, que mal poderá ir alvorecendo agora. (Assis. 1944. p. 135)

O horizonte de Machado de Assis nesse momento é o projeto literário romântico, ou seja, a literatura como instrumento para a construção da nação brasileira: por isso a “cor local” como critério de qualidade. É interessante neste trecho que o autor opõe o “ostentar cor local” ao “tornar independente a literatura brasileira”. Ele separa duas coisas que para os românticos eram indissociáveis. Além disso, Machado assume que a literatura brasileira estava totalmente ligada à metrópole, pois nem uma nação separada o Brasil era: para Machado, a independência política deveria preceder a literária.

“Reconhecido o instinto de nacionalidade”, Machado coloca em questão “se possuímos todas as condições e motivos históricos de uma nacionalidade literária”, investigação que ele não vai fazer, porque seu objetivo aqui é outro: “Meu principal objeto é atestar o fato atual; ora, o fato é o instinto de que falei, o geral desejo de criar uma literatura mais independente” (p.135). Machado coloca em dúvida o centro da ideologia romântica da construção da nação: se temos as condições de uma nacionalidade independente! Tenhamos claro que ele não refuta o projeto romântico, ele está dentro desse projeto, mas o coloca como problema, e parte de outros critérios que não o da “cor local”. Machado defende a liberdade da literatura: “tudo é matéria de poesia, uma vez que traga as condições do belo ou os elementos de que ele se compõe” (p.136). Tudo, inclusive a “cor local”: o índio, os costumes civilizados, a natureza americana.

Mas não só da cor local se tira poesia: “Devo acrescentar que neste ponto manifesta-se às vezes uma opinião, que tenho por errônea: é a que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam de assunto local, doutrina que, a ser exata, limitaria muito os cabedais da nossa literatura.” (p. 138) Dá exemplos de poetas que não trataram de assuntos nacionais em algumas de suas obras, como Shakespeare, que é, “além de gênio universal, um poeta essencialmente inglês.” (p. 138) E explica porque nunca ninguém duvidará que Shakespeare é inglês:

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecem. O que se deve

exigir do escritor, antes de tudo, é certo *sentimento íntimo*, que torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço. (p. 139-140, grifo meu)

“Sentimento íntimo” seria o critério de nacionalidade para Machado:

Um notável crítico da França, analisando há tempos um escritor escocês, Masson, com muito acerto dizia que do mesmo modo que se pode ser bretão sem falar sempre do tojo, assim Masson era bem escocês, sem dizer palavra do cardo, e explicava o dito acrescentando que havia nele um *scotticismo* interior, diverso e melhor do que se fora apenas superficial. (p. 140)

Machado sintetiza a nacionalidade neste “sentimento íntimo”, abrindo o campo da literatura para qualquer assunto, tirando-a da obrigatoriedade de carregar araras e florestas. O último parágrafo do ensaio sintetiza o apanhado geral sobre a literatura brasileira, com a crença num futuro promissor.

Aqui termino esta notícia. Viva imaginação, delicadeza e força de sentimentos, graças de estilo, dotes de observação e análise, ausência às vezes de gosto, carência às vezes de reflexão e pausa, língua nem sempre pura, nem sempre copiosa, muita cor local, eis aqui por alto os defeitos e as excelências da atual literatura brasileira, que há dado bastante e tem certíssimo futuro. (p. 154)

Para Machado, os defeitos encontrados na literatura brasileira refletem, em primeiro lugar, sua juventude: são problemas sanáveis pelo tempo, amadurecimento. Um exemplo disso é a crítica que, quando madura, deve guiar os caminhos da literatura. Talvez o fator mais importante seja a concepção errônea de nacionalidade, ao obrigar os escritores a ostentarem “cor local” como critério de qualidade. Isso só empobrece a literatura. Melhor seria substituir esse critério pelo “sentimento íntimo”, que é algo difícil de definir, mas onde

(...) a identidade nacional é sentida e concebida como um processo vivo, isto é, de infinitas virtualidades embora bem determinado, que se reinventa a qualquer propósito. Isto em lugar da identidade *limitada* do patriotismo de convenção, cujo *detonador* é o elemento pitoresco. Noutras palavras, onde o Romantismo queria *criar* um sentimento de identidade (patriótico e positivo), Machado o supunha *existente*, e queria dar-lhe como campo a totalidade dos assuntos, para que se manifestasse inteiramente, e se desse a conhecer (talvez de maneira inglória). (...) Enfim, uma identidade que é conflitiva, e que não é incondicional. (SCHWARZ. 2002. p. 137)

João Hernesto Weber, em seu livro *A Nação e o Paraíso*, chama a atenção para o fato da língua ter sido um fator de complicação para a construção da autonomia da ex-colônia, na busca de uma identidade nacional proposta pelos românticos. Então, “a solução foi encará-la

como veículo, neutro, de diferentes ‘sentimentos’ nacionais.” (WEBER, 1997. p.40). Segundo esse autor, é dessa preocupação que vem a idéia de “sentimento íntimo”, já presente no debate antes de Machado dar a sua versão sobre esse tema. Vejamos como essa idéia já aparece em Santiago Nunes Ribeiro, antes de Machado, em trecho transcrito no livro de Weber (p. 41):

Não é princípio incontestável que a divisão das literaturas deve ser feita invariavelmente segundo as línguas em que se acham consignadas. Outra divisão talvez mais filosófica seria a que atendesse ao espírito, que anima, à idéia que preside aos trabalhos intelectuais de um povo, isto é, de um sistema, de um centro, de um foco de vida social. Este espírito literário e artístico é resultado das influências, do sentimento, das crenças, dos costumes e hábitos peculiares a um certo número de homens, que estão em certas e determinadas relações, e que podem ser muito diferentes entre alguns povos, embora falem a mesma língua. As condições sociais e o clima do novo mundo necessariamente devem modificar as obras nele escritas nesta ou naquela língua da velha Europa.

Se a língua é neutra, mais importantes para uma singularidade nacional seriam a natureza, o indígena, o princípio íntimo, o caráter nacional. Em Machado o princípio vira “sentimento íntimo” e é uma espécie de síntese de tudo que vai configurar a nacionalidade, é uma espécie de olhar. Machado também está em busca de uma singularidade, assim como os românticos, com a diferença de que sabe que essa singularidade é problemática, conflitiva; é existente mas está, ao mesmo tempo, em construção.

### 3. Dostoiévski e o *Discurso a Púchkin*

“Púchkin é um fenômeno extraordinário e talvez único do espírito russo”<sup>3</sup>. Com essas palavras de Gógol, Dostoiévski começa seu discurso em honra a Púchkin, proferido a 8 de junho de 1880, na celebração de inauguração do monumento ao poeta, organizada pela Sociedade dos Amantes da Literatura Russa. À definição de Gógol, Dostoiévski acrescenta a sua: “e também profético” (p. 161). E explica:

Púchkin chegou precisamente no momento em que começava a surgir, a nascer em nossa sociedade a correta consciência de si mesma ao cabo de todo um século transcorrido desde a reforma de Pedro I, e sua aparição contribuiu em grande medida para iluminar nosso obscuro caminho com uma nova luz condutora. Neste sentido, Púchkin é um profeta e um sinal. (p. 161)

---

<sup>3</sup> Utilizei para esse trabalho uma tradução do *Discurso a Púchkin* em espanhol, de Olga Novikova, presente no livro organizado por ela, *Rusia y Occidente*, Madri. Tecnos. 1997. As citações do discurso foram traduzidas por mim e só indicarei pelo número da página.

Para Dostoiévski, a consciência da Rússia sobre si mesma, intimamente ligada à sua relação com a Europa, está ligada a Púchkin e, ampliando o sentido, está ligada à literatura. Esta relação começou a ser uma questão com Pedro I, cujas reformas modernizantes colocaram em contato a Rússia e o Ocidente, depois de um longo período de isolamento. Púchkin surge com a tomada de consciência da Rússia sobre si mesma e aparece como o profeta, na visão de Dostoiévski, que vai indicar o caminho da salvação, uma espécie de continuador da obra de Pedro I no campo da literatura.

O objetivo de Dostoiévski com esse discurso era expor sua idéia, de Dostoiévski, sobre o papel da Rússia, através de Púchkin e sua obra. Para isso, tem que convencer a platéia, emocioná-la. O clima da celebração já era de grande expectativa, como se as pessoas estivessem diante de algo sagrado, parecia que, finalmente, as coisas iam mudar. A *intelligentsia* sentia como se, pela primeira vez, estivesse sendo reconhecida sua existência. Depois do fim da guerra russo-turca, a Rússia entrara em grave crise, levando a um acirramento do movimento terrorista, por um lado, e da repressão governamental, de outro. Mas 1880 foi um período de trégua e todos esperavam por mudanças: uns acreditavam que seriam concedidos os direitos políticos; para outros, haveria um parlamento. O que não faltava era esperança. É para esse público que Dostoiévski se dirige, e começa a conquistá-lo logo no início ao transformar Púchkin em poeta nacional e profeta.

Dostoiévski divide a obra do poeta em três: a primeira fase seria de imitação do estrangeiro, é dessa fase o poema *Os Ciganos*, analisado por Dostoiévski para mostrar que Púchkin, mesmo em sua fase de imitação, foi original a ponto de detectar qual era o principal problema da Rússia, personificando-o em Aleco, protagonista desse poema. Para Dostoiévski, Aleco é profundamente russo porque é a encarnação do “mártir russo que havia surgido de um modo historicamente inevitável em nossa sociedade, separada do povo” (p. 162). Aleco é o homem desenraizado, que perdeu sua ligação com a tradição russa por ter sido educado nos valores europeus. Torna-se então uma folhinha ao vento: não encontra o que fazer em sua terra, mas também não é totalmente europeu. É só triste. Essa cisão na sociedade onde de um lado há uma classe desenraizada e “européia” e de outro, os servos apegados à terra, é o cerne do problema russo, para Dostoiévski, e tem sua origem nas reformas petrinhas. Se, na época de Púchkin, os jovens desenraizados buscavam os “ideais universais e o descanso da absurda e confusa vida de nossa *intelligentsia*” (p. 162) nos costumes selvagens, hoje esses jovens buscam o socialismo. A busca continua a ser a mesma: o ideal universal de felicidade para todos, o que mudou foi o lugar onde procuram. “Pois o peregrino russo necessita precisamente da felicidade universal para apaziguar-se: desde logo, não se conformaria com

menos, ao menos em teoria.” (p. 163). Mas todos estão errados: a verdade, segundo Dostoiévski, está dentro de cada um, na atitude humilde diante do outro.

*Os Ciganos* termina com Aleco sendo expulso do acampamento, por não ter sabido respeitar o modo de vida desse povo, com os seguintes versos ditos pelo ancião e citados por Dostoiévski: “Deixa-nos, homem orgulhoso;/somos selvagens e carecemos de leis,/não castigamos nem executamos ninguém.” (p. 164) Esses são os versos escritos por Púchkin, mas Dostoiévski vê aí uma sugestão para a solução das “questões malditas”, e se encarrega de “continuar” a idéia de Púchkin: “Humilha-te, homem orgulhoso, e sobretudo, domina teu orgulho. Humilha-te, homem ocioso, e antes que nada trabalha a terra de seus pais.” (p. 165). Esta seria a solução de Dostoiévski, não de Púchkin: o trabalho sobre si, a submissão e a humilhação. Para o romancista o problema é moral, mesmo que tenha se originado de um processo social: portanto a solução é moral também. Estas seriam a “verdade e a razão populares”.

O segundo período de Púchkin seria uma espécie de volta aos valores da terra natal: o poema *Eugene Oniéguin* é o mais importante. Oniéguin é, como Aleco, um “peregrino”, um “homem supérfluo”, desenraizado, perdido e entediado. Se Oniéguin é uma personagem russa negativa, Púchkin não deixa de nos apresentar sua contraparte, o modelo positivo do que é ser russo: Tatiana. Se Oniéguin é uma folhinha solta ao vento, Tatiana tem os pés bem fincados no solo, em suas tradições. Essa é toda a diferença. Para Dostoiévski, Tatiana é a verdadeira protagonista do poema, é a imagem da mulher russa. Mas, infelizmente, “a maneira de olhar de cima para baixo, própria de Oniéguin, o impede de reconhecer Tatiana quando vê pela primeira vez no campo a imagem humilde daquela garota pura e inocente que, ao se encontrar com ele, se mostra tão tímida, tão confundida.” (p. 167) Esta é a tragédia do poema, e da Rússia: sua elite culta não consegue reconhecer na tradição camponesa os verdadeiros valores russos, por isso o desenraizamento, o abismo entre as classes, a busca pelas verdades universais européias, a sensação da intelligentsia de ser estrangeira em sua própria casa. Oniéguin só se apaixona quando vê Tatiana como dama da sociedade em São Petersburgo, porque esses sonhadores abstratos são “escravos da opinião”. Mas é tarde: Tatiana está casada e nunca concordaria em fundar sua felicidade na infelicidade de outro. Este ponto é crucial para Dostoiévski, e descreve a essência da mulher russa.

Para Dostoiévski, Púchkin é popular porque soube captar a “essência mais profunda das camadas superiores da sociedade que estão acima do povo.”

Púchkin foi também o primeiro dos escritores russos que nos mostrou, em outras obras desse período, toda uma série de tipos russos positivamente

belos, tipos que ele descobriu no povo russo. A principal beleza desses tipos consiste em sua verdade, uma verdade indiscutível e tangível, de forma que é impossível negar sua existência, que já é quase material, como se fossem estátuas. (p. 172)

Púchkin é um poeta popular também porque afirma a existência e a beleza do povo a cada obra em que descreve os tipos populares positivos: “Todas as obras de Púchkin respiram a fé no caráter russo e na sua força espiritual; e enquanto há fé, há esperança, uma grande esperança no homem russo.” (p. 173) E o poeta se irmana com o povo: “Nunca um escritor russo, nem antes nem depois dele, se fundiu de uma forma tão cordial e tão familiar com seu povo.” (p. 173) Púchkin foi alguém que abriu caminho para os que vieram depois, não só em matéria de poesia:

(...) se não tivesse existido Púchkin, talvez não tivesse existido, com uma força tão inquebrantável (...) nossa fé na independência russa, a esperança na força de nosso povo, uma esperança que agora já é consciente, e mais tarde a fé em nossa futura e original predestinação dentro da família dos povos europeus. (p. 174)

Platéia emocionada já, terreno fértil para o orador plantar sua semente. Agora vem o período mais importante, o que mostra mais claramente Púchkin como um profeta e como sinal da predestinação russa entre os povos. O terceiro período é o das “obras nas quais brilharam por excelência as idéias universais, se refletiram as imagens poéticas de outros povos e se encarnaram os gênios desses povos.” (p. 175) Este é o período mais importante, onde ocorre “algo quase milagroso, insólito e inusitado, algo que não se viu antes em nenhum lugar e em ninguém.” (p. 175). Dostoiévski vai preparando o caminho, cita os gênios europeus consagrados, de cuja grandeza ninguém duvida: Shakespeare, Cervantes, Schiller. Mas nada se compara com o “nosso” gênio, que tem algo que ninguém tem: a capacidade da “sensibilidade universal”, que é o “nosso” dom nacional compartilhado com o povo pelo poeta!

Se no segundo período ele era popular porque se irmanava com o povo russo, aqui é popular porque sabe encarnar o gênio, o espírito de outros povos. A “sensibilidade universal” é o poder de se colocar tanto no lugar do outro, que ele consegue escrever como se fosse outro. Os outros poetas, esses grandes gênios universais citados, ao escreverem sobre outros povos, não conseguem sair de seu lugar. Shakespeare, por exemplo: seus italianos são iguais aos seus dinamarqueses, ou seja, são sempre ingleses! Mas na obra de Púchkin,

se expressou sobretudo a força nacional do povo russo, nisto se expressou precisamente o espírito popular de sua poesia, o espírito popular no seu ulterior desenvolvimento, o espírito popular de nosso futuro, cujo gérmen se encontra latente no presente, e tudo isso ele expressou de uma forma profética. (p. 177)

Ou seja: “(...) que é força do espírito popular russo senão sua aspiração final à universalidade e à humanidade?” (p. 177) Esta é a tese de Dostoiévski, sobre a qual ele construiu seu discurso. A obra de Púchkin, portanto, do ponto de vista de Dostoiévski, é a expressão do espírito russo.

Em nossa alma aceitamos, não de uma maneira hostil (como parece que teria que suceder), senão amistosamente, de todo coração, a genialidade de outras nações, de todas por igual, sem preferir uma nação a outra, nem fazer divisões entre elas, sabendo quase desde o primeiro passo como definir e resolver as contradições, perdoar e conciliar as diferenças, e com isso expressamos nossa disposição e inclinação, que acabamos de descobrir, a união universal humana com todas as tribos da linhagem ariana. (p. 178)

“Acabamos de descobrir”: Dostoiévski se coloca como profeta que descobriu a verdade em Púchkin e a compartilha com seu público. Fica claro que a união universal não inclui lugares além da Europa, nem povos como os judeus.

“Ser todo um russo, completamente russo, talvez só signifique (...) ser irmão de todos os homens, *um homem universal*, se se quiser.” (p. 178) Aí está a síntese da nacionalidade russa. Para provar essa vocação, usa um argumento um tanto curioso: transforma uma relação desigual entre a Rússia e a Europa (desigual porque a Rússia é periferia), numa política de estado elaborada conscientemente, nascida justamente da essência do povo russo, de sua vocação para a universalidade: “Pois, o que tem feito a Rússia durante os dois últimos séculos de sua política que não seja servir a Europa, talvez mais que a si mesma? Não creio que a causa de tudo isso tenha sido a incapacidade de nossos políticos. Os povos da Europa desconhecem até que ponto nos são caros!” (p. 179) É muito interessante essa virada: Dostoiévski transforma um sentimento de inferioridade do russo em relação ao europeu numa espécie de superioridade! É o atraso que se transforma em vantagem! Para terminar, ser russo é:

aspirar a reconciliar definitivamente as contradições européias, assinalar que a superação européia é possível na alma russa, uma alma universal e reconciliadora, acolher nela com amor fraterno a todos os nossos irmãos e, ao final, talvez, pronunciar a palavra definitiva da grande harmonia geral, da definitiva concórdia geral de todas as tribos de acordo com a lei evangélica de Cristo! (p. 179)

Seguindo Dostoiévski e seu discurso, a celebração marcaria o momento de passagem para uma outra era, onde a Rússia conduziria a formação de uma unidade, uma fraternidade com os irmãos europeus. Se só a Rússia preservou a palavra de Cristo, por conta de seu atraso, é ela quem vai levar ao mundo a palavra salvadora. Se o futuro é a união de todas as tribos arianas, ele só vai poder se concretizar sob a batuta da Rússia. Portanto, a Europa, tão superior, com suas conquistas tecnológicas, seu “Palácio de Cristal”, precisa da palavra salvadora da Rússia! Precisa da Rússia! Palavra salvadora que prega humildade, auto-sacrifício. Por ter sido “inferior” à Europa até o momento, por conta de seu atraso, por isso mesmo, a Rússia é na verdade superior!

Dostoiévski se coloca como uma espécie de portador da boa nova, ele próprio um tipo de profeta. Ao pronunciar o discurso, ele, Dostoiévski faz o papel de mediador. Dissemina a palavra salvadora por meio da obra de Púchkin, faz o papel que a Rússia deve fazer entre as nações. Se Púchkin é profeta, se através de sua obra ele valoriza o que é russo e o que é europeu, e transforma tudo isso numa unidade só possível por conta da “sensibilidade universal”, Dostoiévski também é profeta: conseguiu ver em Púchkin esse movimento do povo russo e descobriu sua palavra profética.

#### **4. Considerações finais**

Para tentar entender como se relacionam as posições de Dostoiévski e de Machado de Assis diante da questão da identidade nacional, vamos fazer uma comparação entre “sentimento íntimo” e “sensibilidade nacional”, que sintetizam suas concepções sobre o tema. Para isso, nada melhor que começar com Shakespeare, autor citado pelos dois escritores.

O Shakespeare de Machado, como vimos, é sempre inglês, não importa sobre o que esteja escrevendo. O “ser inglês” está configurado no “sentimento íntimo” e ele não pode escapar disso. Não dá muito bem para explicar o que é, mas eu entendo como uma forma de olhar que só tem quem vive naquelas circunstâncias determinadas. Algo que está dado, mas é construído, ao mesmo tempo. Como se Machado estivesse falando aos que se preocupam demais com a “cor local” que tenham calma: Shakespeare fala de temas universais mas é sempre inglês, assim como um escritor brasileiro será sempre brasileiro. Mesmo que o romancista duvide que o Brasil tenha condições de ter uma literatura completamente independente a curto prazo, não tem como não ter esse “sentimento íntimo”, que é processo, e então a singularidade está salva. O “sentimento íntimo” existe em Shakespeare, um inglês, em

Masson, um escocês, em Machado, um brasileiro. É uma espécie de forma onde se encaixam os diferentes conteúdos das diferentes nacionalidades.

O Shakespeare de Dostoiévski também é sempre inglês, não importa sobre o que escreva. Mas o dramaturgo é usado como anti-exemplo, digamos assim, para Dostoiévski chegar a sua idéia “superior” da identidade nacional russa. Shakespeare é sempre inglês porque não é dotado da “sensibilidade universal” que Púchkin compartilha com o povo russo. Essa “sensibilidade universal”, diferente da concepção de Machado, é uma espécie de conteúdo definido que singulariza a idéia de “ser russo”. É uma vocação, algo que está latente, e não é uma característica qualquer: ela é superior a todas as outras singularidades nacionais porque funciona também como a única forma onde se adaptam todos os conteúdos nacionais, e é indispensável para que o mundo seja, de uma vez por todas, a grande fraternidade universal fundada na palavra de Cristo.

A nacionalidade russa, em Dostoiévski, grita desesperada por sua superioridade, expressando o ressentimento e a admiração pela sua irmã, Europa. O romancista acaba de decifrar essa profecia colocada por Púchkin e, agora que se sabe disso, é hora de colocar em prática essa vocação. A identidade nacional em Machado não grita, não vocifera, não prega: é um processo que vai devagar, íntimo e social ao mesmo tempo, para o qual devemos ter paciência, mas também segurança de que ele está ali e não seremos para sempre colônia de Portugal.

O texto de Machado é otimista, mas não tem uma visão cor-de-rosa da brasilidade, nem muito menos uma idéia de superioridade dostoiévskiana. Via os defeitos, mas acreditava que o trabalho no tempo traria as soluções. Temos que levar em conta que Machado não se dirigia a um público brasileiro, mas a um americano, o que pode ter pendido na balança em favor do otimismo.

Interessante que Dostoiévski está preocupado, em seu texto, com o problema da imitação. Como ser russo imitando a Europa? Essa é a questão que ele tenta resolver. Machado, pelo contrário, se preocupa com o desespero romântico de buscar uma singularidade através da “cor local”, empobrecendo a literatura só para dizer que ela é brasileira. Isso, descontando o fato de que as formas literárias, como o romance, a poesia, o conto, eram européias! Os românticos agiam como se não se dessem conta desse “pequeno” detalhe. Ou talvez por isso mesmo se preocupassem tanto em ter alguma coisa diferente...

A vocação russa apontada por Dostoiévski também não era só dele: foi uma questão do XIX russo debater sua relação com a Europa. Assim como o fosso entre as classes marcou a vida cultural, também a relação com a Europa foi um problema russo.

Os textos tem tons muito diferentes também: Machado não está tentando convencer ninguém, nem prega a era do apocalipse, como Dostoiévski. Mas, de alguma forma, as duas concepções de identidade nacional se abrem para o mundo, é na relação com o mundo que existe uma nacionalidade. Em Dostoiévski isso é mais contundente: a Rússia precisa dos outros para concretizar sua vocação, que é voltada para fora. Em Machado, tem algo que também se constrói na relação, mas se volta para dentro. É “sentimento” e é “íntimo”. Podemos notar como suas concepções de nacionalidade refletem as visões de mundo desses autores.

Dostoiévski vê o mundo como o embate entre várias vozes, entre vários mundos diferentes, numa relação polifônica e dialógica, onde cada um é construído pela relação com o outro. O problema social sempre se resolve a partir do individual, do pequeno, no âmbito moral. Na concepção de nacionalidade do *Discurso a Púchkin*, ainda podemos vislumbrar as várias vozes (nacionalidades), mas há uma que se sobressai: a russa. Se a verdade para ele estava no pequeno, no individual, com a era do apocalipse tudo muda: é o grande ato que se dá de repente.

A narrativa machadiana dificilmente é peremptória. O escritor sempre deixa espaço para a participação do leitor, para o conflito, nunca dá tudo de graça. Seu narrador muitas vezes confunde e engana, não é confiável. Por isso, a história vai se produzindo na relação e conta com o leitor. Há sempre um distanciamento brechtiano, digamos assim. Assim o “sentimento íntimo”, é uma possibilidade real que existe e ao mesmo tempo deve ser construída.

Tanto em Dostoiévski como em Machado vemos a influência marcante do romantismo, que toma a literatura como veículo e instrumento da nacionalidade. As profecias de Dostoiévski não se concretizaram, a Rússia não guiou o mundo para a fraternidade universal, mas o século XIX deu de presente ao mundo a forma mais marcante de “russianidade”: a literatura russa. Nossa literatura cresceu e amadureceu no próprio Machado, que é nosso escritor nacional por excelência, embora o autor seja pivô de um ferrenho debate literário: é grande por que é brasileiro ou é grande por que é universal? Mas isso já é tema para outro texto...

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. “Literatura Brasileira: Instinto de Nacionalidade” in **Obras Completas. Vol. 29. Crítica Literária**. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre. Jackson Editores. 1944

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Pushkin**. In: NOVIKOVA, Olga (org.). **Rusia y Occidente**. Madri. Tecnos. 1997. p. 161-180

SCHWARZ, Roberto. **Que horas são?** São Paulo. Companhia das Letras. 2002

\_\_\_\_\_. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo. Editora 34. 2000

WEBER, João Hernesto. **A nação e o paraíso. A construção da nacionalidade na historiografia literária brasileira**. Florianópolis. Editora da UFSC. 1997